

## **Concepções de Crianças e Infância na Educação Infantil**

**Lidia Grusegoch (EMEF Rondonópolis) – lidiagigoski@hotmail.com**

Quando pensamos sobre a história da criança e da infância, fazemos isso com um olhar no passado, pois os conceitos referentes à criança e à infância se complementam e são culturalmente determinados e historicamente construídos.

Segundo Sarmento a infância tem sofrido um processo de ocultação, há uma ausência de infância:

Esse processo de iluminação-ocultação exprime-se nos saberes constituídos sobre as crianças e a infância: tanto dela sabemos quanto, numa ciência que tem sido predominante produzida a partir de uma perspectiva adultocentrada, as vivências, culturas e representações das crianças escapam-se ao conhecimento do que temos.

A criança está a margem, ela não é adulta, mas não é tratada como uma criança, há uma invisibilidade histórica e cívica da infância, no que respeita a ideia ou margem de infância no passado, que correlata da marginalidade social em que foi dita.

O sentimento de infância, então, configura-se como um aspecto de relevância que se vislumbra, que torna possível uma visão mais ampla, pois a ideia de infância não está vinculada unicamente à faixa etária, à cronologia, a uma etapa psicológica ou ainda a um tempo linear, mas sim ao acontecimento, a uma história. Infância, nesse, sentido, é aquela que constitui um modo de vida, que inspira maneiras de pensar, que cria momentos de viver.

Para Sarmento:

As condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sob o controle da geração adulta. A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância.

O olhar sobre a infância e a criança e ainda sua valorização nas sociedades não ocorrem e nem ocorreram sempre da mesma maneira, e sim da forma como a organização de cada sociedade e suas estruturas culturais, sociais e econômicas estavam no momento. Porém, mesmo no interior do mesmo espaço cultural, a variação das

concepções da infância é fundada em variáveis como classe social, o grupo que pertença étnica ou social, religião predominante, o nível de instrução da população.

Pensar a infância e a criança fora do contexto histórico é reduzir seus significados, significa considerá-la apenas como um organismo em desenvolvimento, ou simplesmente uma categoria etária, esquecendo-se de que a criança é uma pessoa enraizada em um tempo e um espaço, uma pessoa que interage com outras categorias, que influencia o meio onde vive e também é influenciado por ele.

Destacamos o quanto a palavra infância é complexa, pois o que a criança vive é infância, mas depende de muitos fatores. Se a criança vem de classes baixas, onde a pobreza é um fator crucial, levando ao trabalho, ou das classes da burguesia, onde as crianças não possuem carências materiais, faz toda a diferença para a maneira como ela viverá sua infância.

Conforme Sarmiento, independente da idade, devemos dar voz a criança, ouvir a criança, não podemos desconsiderar o que já existe, o direito de ir e vir, de cuidados. A sociologia da criança diz: a criança não pode ser vista do adulto para a criança, devemos exercer o direito de democracia, dar o direito a criança de participação.

Para a autora Saião, ser criança é algo singular cada um é um ser único. Porém o sistema de poder maltrata as crianças, as ricas são tratadas como dinheiro e as crianças pobres são tratadas como lixo. E mantém atadas às patas do televisor as crianças de classe média. O sistema trata como descartável aquilo que é temporário.

Nesta perspectiva, para dar visibilidade à infância, é preciso compreender os sistemas culturais que engendram e quais as relações que esta estabelece com os outros membros de seu grupo e de outros grupos.

A autora faz uma defesa que há um abandono da cultura infantil, falam segundo o que os adultos falam sobre elas e segundo as culturas dos adultos. Relacionam às culturas da infância estas experiências se misturam no plano da realidade e do imaginário, visto que as crianças pensam sob a ótica do imaginário da fantasia e não da realidade.

Sarmiento e Pinto, ainda afirmam que “ser criança varia entre sociedades, culturas e comunidades, podem variar no interior fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional dominante em cada época”.

Conforme os referencias teóricos anunciados, entende-se que os atores sociais que compõem o cenário da Educação Infantil são sujeitos cujas subjetividades se

constituem por meio da mediação com o mundo físico e social em estreita relação com processos históricos e culturais. Segundo autores:

Ao nascer a criança se insere em um mundo já estruturado pelas significações de sua comunidade, e ocupa lugar em um conjunto sistematizado de relações e práticas sociais; adultos organizam os espaços infantis e revelam elementos culturais e historicamente situados, que por sua vez evidenciam suas representações sobre criança bem como seu papel no processo educacional dos pequenos, a criança desenvolve habilidade de interpretar as descobertas do meio físico e social como também veiculam formas específicas de inteligibilidade e simbolização do mundo. (SARMENTO, 2007; CASTORINA e KAPLAN, 2003).

A criança tem especificidades no seu pensamento segundo as narrativas infantis. A criança age de forma do seu pensamento construindo sua identidade. Quando a criança vai a escola os adultos cobram atitudes adultas, entre normas e disciplinas. A criança aí sim adquirir a cultura adulta, mas no seu tempo, nos dias de hoje cobra-se uma pressão externa para adquirir um discurso adulto.

Diferente do pensamento adulto a criança precisa do objeto concreto, as experiências a partir desse objeto ela vai formar o pensamento e fazer a representação do objeto. A criança tem que experimentar primeiro e depois ela cria. Quando a professora dá um desenho impresso para a criança, está pulando as etapas da criança. O professor precisa criar situações concretas para criança criar, produzir seu próprio desenho.

Segundo Vigotski (2009) “A imaginação e a criação na infância, anuncia a indissociabilidade entre a função imaginativa do homem, a experiência histórica da humanidade e a experiência do sujeito”. Na primeira caracteriza pela reprodução ou repetição de algo já existente. A criança elabora essa imaginação através dos contos, das histórias, ela constrói primeiro pela reprodução e repetição de algo já existente, por experiências, por funções adaptativas, conservações de experiências anteriores e a facilitações de suas reintegrações.

Já a segunda, caracteriza-se pela capacidade de imaginar ou fantasiar, criar, combinar novas situações. Para o autor, “a atividade humana criadora do ser humano, projeta o homem para o futuro em para o passado, transformando o presente”.

As Diretrizes apresentam algumas definições e concepções no que tange as características da educação infantil, entre elas, consideram a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Diante da afirmação concordamos que a criança cria, atua, faz representações, desenvolve habilidades, tem formas de simbolizar e imaginar o mundo em suas brincadeiras.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Daniela B. S. Freire. A Criança na Educação Infantil: por entre Emílias e Chapeuzinhos.

ANDRADE, Daniela B. S. Freire e outras autoras. A Educação Infantil como lugar narrativo: práticas em contexto socioeducativos da primeira infância.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Narrativas Infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância.

SAYÃO, Deborah Thomé. Crianças: Substantivo Plural.